

# O Ensino da Música em Portugal: alguns elementos para reflexão



Prof. José Filomeno  
Raimundo  
Docente da ESART

As políticas que têm sido levadas a cabo no campo da educação - e que têm olhado para a música sob diferentes perspectivas - permitiram que hoje nos encontremos diante duma criação complexa. Os agentes que foram sendo incumbidos da árdua tarefa de legislar sobre o papel da música nos vários graus de ensino e nas diferentes tipologias de ensino de música têm tido muita dificuldade em olhar retrospectivamente, em estudar as sociedades contemporâneas e em prever algo do futuro. O que hoje temos é um agregado de leis que permitem, sem dúvida, um estudo do ensino de música numa perspectiva histórico-normativa.

Não se pretende insinuar a visualização de um quadro miserável do ensino de música no nosso país. Ninguém pode negar o profundo trabalho desenvolvido por muitas instituições. No entanto, o peso da pobreza, de muitos anos de ditadura e de muito tempo para dela se distanciar são factores que determinam o estado presente.

Muitas vezes não se percebe muito bem o que é da esfera da educação e da esfera da cultura. Deste modo, há uma permanente querela de bastidores entre a educação e a cultura, entre os agentes educativos e os agentes culturais. Muitas vezes uns e outros são os mesmos mas, mesmo assim, lutam constantemente. A educação e instrução permitem criar necessidades culturais no ser humano. Neste sentido uma cultura de fachada não interessa; a sua concretização estraga as finanças e atrofia o investimento na educação.

Não se podem mudar as políticas do passado, não se podem escolher os legisladores perfeitos para o presente e não se pode mudar a imperfeição - que serve de justificação para quase tudo - do ser humano. Mas pode-se mudar muito daquilo que está mal. Esta mudança implica, contudo, uma mudança muito profunda no *modus vivendi* dentro das instituições onde todos deviam ser verdadeiros actores.

Não se apontam aqui soluções para os problemas do ensino de música em Portugal. Não se pode continuar a procurar desalmadamente as soluções nas normas emanadas pelos ministérios. Muitas vezes elas estão mais perto: estão dentro de cada um de nós.

No que diz respeito ao ensino, há trabalho para todos. É preciso ter vontade para trabalhar, arregaçar as mangas e calçar aos próprios pés a inveja que sinuosamente corrompe e hipoteca o futuro. Enquanto muitos agentes do ensino continuarem a percorrer as escolas fugindo da sombra uns dos outros é difícil mudar.

A arte não necessita do homem, mas o homem necessita da arte. Talvez seja uma pergunta relevante: nós necessitamos de música? Muitas vezes, aquilo que fazemos, com tanto esforço para a criar, não produz unicamente um luxo desnecessário?

O dever daqueles que se tornaram mais *civilizados* pela instrução e educação seria o de promover momentos para a aprendizagem e para a concepção de formas artísticas. A fórmula secreta é muito, muito simples: trabalhar com paixão e liberdade.